DOI: https://doi.org/10.30612/eduf.v10i28.13015 ISSN 2237-258X

AUDIODESCRIÇÃO: O AUDIODESCRITOR, O SUJEITO E A CENA

Audio description: the audio-writer, subject and scene

Descripción del audio: el audio-escritor, el tema y la escena

Maria Beatriz Rocha Ferreira*

Resumo
A linguagem utilizada na Audiodescrição - AD é metodológica e específica, porém carregada de sentidos e inserida numa historicidade. A ideia subjacente é a pessoa ter acesso à informação 'visual' e se 'transformar' através da descrição de algo que ela não consegue 'visualizar' e dessa forma se identificar. O objetivo do trabalho é contribuir para uma reflexão da audiodescrição como recurso da tecnologia assistiva inserido numa historicidade, em figurações sociais. O texto narra ao leitor, através de diferentes cenas, elementos das possibilidades da inter-relação entre o audiodescritor, a cena e o usuário. Enfatiza a importância de se construir uma realidade com sentido para todos.

PALAVRAS-CHAVE: Tecnologia Assistiva. Audiodescrição. Historicidade. Figurações Sociais

Abstract
The language used in live audio description is methodological and specific but loaded with meanings and inserted in a historicity. The underlying idea is to have access to 'visual' information and 'transform' through the description of something that it cannot 'visualize' and thereby identify itself. The aim of this work is to contribute to a reflection of live audio description as a resource of assistive technology inserted in a historicity, in social figurations. The text narrates to the reader, through different scenes, elements of the possibilities of the interrelation between the live audio descriptor, the scene and the user. It emphasizes the importance of building a reality with meaning for all.

KEYWORDS: Assistive technology. Audio Description. Historicity. Social Figurations

Resumen

El lenguaje utilizado en la Audiodescripción - AD es metodológica y específica pero cargada de sentidos e insertada en una historicidad. La idea subyacente es la persona tener acceso a la información visual y transformarse a través de la descripción de algo que no puede "visualizar" y de esa forma identificarse. El objetivo del trabajo es contribuir a una reflexión de la audiodescripción como recurso de la tecnología asistida insertada en una historicidad, en figuras sociales. El texto narra al lector, a través de diferentes escenas, elementos de las posibilidades de la interrelación entre el audiodescritor, la escena y el usuario. Y indica la importancia de construir una realidad con sentido para todos.

PALABRAS CLAVE: Tecnología de Asistencia. Audiodescripción. Historicidad. Figuraciones Sociales

* Ph.D. em Antropologia na Universidade do Texas – Austin, Pós-Doutorado na Universidade Católica de Leuven, Bélgica. Institucional – LABJOR da Universidade Estadual de Campinas e EAD- Universidade Federal de Juiz de Fora. Email: beatrizdevloo@gmail.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0003-2925-3143

INTRODUÇÃO

A audiodescrição – AD é um dos recursos da tecnologia assistiva para acessibilidade que fornece às pessoas com deficiência visual descrições verbais de algumas (mas não todas) informações visuais. Em outras palavras, transforma o visual em verbal para pessoas com dificuldades visuais. Essas descrições verbais são realizadas nos espaços onde não ocorre o diálogo entre os personagens durante as cenas.

A AD é considerada uma modalidade de tradução intersemiótica, um modo de tradução áudio visual (Franco & Silva, 2010) utilizada em eventos culturais, gravados ou ao vivo, tais como cinemas, teatros, danças, óperas, desfiles e esportes, e científicos como aulas, seminários, congressos, palestras, feiras e outros, por meio de informação sonora (Motta, 2010).

A ideia subjacente é a pessoa ter acesso à informação visual e se 'transformar' através da descrição de algo que ela não consegue 'visualizar' e dessa forma se identificar. A linguagem utilizada na AD é metodológica e específica, porém carregada de sentidos e inserida numa historicidade.

Este recurso amplia o entendimento das pessoas, das redes de interdependência ou figurações e contribui para atingir lugares e sentimentos inacessíveis para um público antes excluído. Além do mais, pode ter efeitos miméticos, *mimesis* é um ato que é próprio dos seres humanos, o ato de imitar, mas não como cópia do real; é a capacidade humana de perceber, sentir, transformar as imagens mentais, de construir representações, transformações e novas identidades. Transformar etimologicamente significa dar uma nova forma, transmutar. A audiodescrição propicia a transformação das pessoas e a percepção de que as cenas podem transitar de um lugar para outro, de um estado para outro.

A Audiodescrição reflete mudanças nos processos sociais, propicia visibilidades e empoderamentos de grupos, antes excluídos, de se colocarem em outras dimensões psicossociais. Na teoria do sociólogo Norbert Elias (Elias, 1994), esses processos se relacionam a outros processos mais amplos e formam teias de interdependência ou figurações sociais que se interligam em diferentes direções. Num processo de tempo mais longo, os sujeitos vão internalizando os novos conhecimentos, eles aprendem e ensinam e, portanto, são agentes ativos no processo social, propiciam mudanças no *habitus* social. Este é visualizado como resultado de processos psicogenéticos e sociogenéticos e advém de uma dada figuração social ou redes de interdependência e é subjugado às relações de poder. (Elias, 1994)

O autor enfatiza que as redes de interdependência estão continuamente em fluxo – algumas mudanças são rápidas e efêmeras e outras mais lentas e profundas. Os processos que ocorrem nestas figurações têm dinâmicas próprias, se inter-relacionam com outros processos e estão imbricadas de poder (Elias, 1994).

No que tange a ideia de se transformar, passar de um estado para outro, os sociólogos ELIAS e DUNNING (1992, p.128) contribuem na discussão sobre a importância da *mimesis.* Os autores a estudam na área do lazer, a relacionam com um aumento de tensão, "... aquilo que as pessoas procuram nas suas atividades de lazer não é o atenuar de tensões, mas, pelo contrário, um tipo específico de tensão, uma forma de excitação relacionada, com frequência, como notou Santo Agostinho, com o medo, a

tristeza e outras emoções que procuraríamos evitar na vida cotidiana".

O objetivo do trabalho é contribuir para uma reflexão da audiodescrição como recurso da tecnologia assistiva inserido numa historicidade, em figurações sociais. O texto narra ao leitor elementos das possibilidades da inter-relação entre o audiodescritor, a cena e a pessoa a ser beneficiada pela audiodescrição [o sujeito, o usuário]. O método está fundamentado na literatura e em autores específicos da área da audiodescrição e da teoria figuracional elisiana. E para tal são descritas e problematizadas diferentes cenas para apontar a complexidade do tema.

O audiodescritor, o sujeito e a cena

Inicialmente a audiodescrição foi elaborada pensando somente na pessoa com deficiência visual, mas com os anos foi ampliada para pessoas com deficiência intelectual, disléxicas, idosas e analfabetas possibilitando a sua inclusão na sociedade. (Motta, 2010). As pessoas não são homogêneas, elas têm capacidades e habilidades diferentes, histórias de vida diferentes, pertencem a classes socioeconômicas diferentes, idades, gênero e expectativas diferentes. A deficiência é só um aspecto da pessoa, é fundamental reforçar que existe uma variação na população em termos genéticos, de potencial interativo, de capacidade de responder a diferentes situações e de experiências de vidas diferentes (Rocha Ferreira, 2002).

O audiodescritor também tem características e formação que podem influenciar na audiodescrição. É importante para as pessoas, sujeitos da audiodescrição, saberem que o audiodescritor fala de um lugar e de um tempo específico. A subjetividade pode ser controlada, mas não neutralizada. Udo & Fels (2009) na pesquisa em AD, num desfile de modas, sugerem a possibilidade dos audiodescritores combinarem técnicas convencionais de descrição e de audiodescrição com técnicas de comentário 'colorido' a fim de possibilitar emoção e excitação aos sujeitos, propiciando uma maior diversão.

O audiodescritor aprende uma técnica específica de audiodescrição, mas a própria história de vida, as experiências [formação, treinamento, personalidade] vão refletir no momento da audiodescrição. A linguista e especialista em Análise do Discurso, Eni Orlandi (2002, p. 90) enfatiza no seu texto que não existe sentido sem que a língua se inscreva na história e também não há sentido sem interpretação. E a seguir diz ... "do ponto de vista discursivo, a língua não é transparente e os sujeitos não são a origem deles mesmos". Os sentidos se formam em processos mais amplos e nas inter-relações desses discursos se constitui o interdiscurso.

Nessa ideia o presente texto traz elementos para se perceber o discurso inserido na historicidade e a importância de se compreender **quem fala**, o **lugar** de quem fala, **para quem** fala e **como** fala. No texto não serão abordadas as técnicas da audiodescrição, a formação profissional do audiodescritor e nem as metodologias utilizadas.

A seguir são apresentadas quatro situações para problematizar a audiodescrição inserida em figurações sociais, historicidade na sociedade, a saber: a descrição da tela '*A peregrinação de Watteau à Ilha do Amor'* por Norbert Elias, os textos de Eni Orlandi e Eliana Lucia Ferreira sobre a dança, a audiodescrição no lazer e atividades miméticas e a vivência com cuidadores de idosos.

A cena por si é complexa. Quem fala, o lugar de quem fala, **para quem** se fala e **como** fala.

O cenário por si é carregado de vieses ideológicos e socioculturais, e a complexidade está presente também na pessoa que o descreve. Na audiodescrição é importante se pensar nos nas categorias: **quem** ele/a é [o/a audiodescritor], da **onde** fala [formação, ocupação] e **para quem** fala' [pessoas com deficiências visuais, idosos, analfabetos, dislexias entre outras] e **como** fala [descrevendo, interpretando, com efeitos miméticos].

O livro sobre a '*A peregrinação de Watteau à Ilha do Amor'* não é específico de uma audiodescrição, mas traz elementos importantes para a reflexão do tema. O autor do livro, Norbert Elias, foi um sociólogo com uma ampla formação filosófica, biomédica e de história da arte. Em 1983, numa idade avançada, quase cego, com 30% de sua visão, foi convidado pelo *Wissenschaftslkolleg* para participar de um colóquio sobre o tema "O tempo privado", organizado por Philippe Ariès em Berlim. Numa conversa com o reitor da instituição Peter Wapnewski e com outros convidados surgiu o comentário de que estava acontecendo um debate público sobre a possibilidade da compra do quadro de Jean Antoine Watteau *'O embarque para a ilha de Citerea'*. Elias espontaneamente disse que o quadro deveria permanecer acessível ao público e se dispôs a declarar publicamente para a mídia.

Elias, em frente ao quadro, falou, utilizando-se de sua memória, os detalhes e as diferenças entre aquele e a versão que se encontrava em Paris, Watteau pintou também outros quadros estimulados por peças de teatro e balés, temas da época que representam utopias.

O autor não só descreveu o quadro, mas o interpretou fundamentado em sua teoria sociológica figuracional, a qual se refere às redes sociais imbricadas nas mudanças sociais na Europa da Idade Média ao final do século XIX. Na descrição do quadro, falou de um prenúncio das transformações sociais da época, o declínio da aristocracia e a ascensão da burguesia.

Relata que o quadro representa uma utopia que retrata "o gosto do público predominantemente aristocrático, da corte, que, na medida do possível, prescindia do trabalho profissional para ganhar a vida" .... e, portanto, dispunha de tempo para se dedicar ao amor e aos sonhos de uma utopia social. (Elias, 2005, p.17). Representa a utopia do amor de jovens que querem viver as alegrias e não as dores do amor, em alguns momentos reflete também uma sensação de perigo. Elias na descrição das cores, da iluminação, dos casais e dos detalhes do movimento, os relaciona com as **mudanças sociais** da época, as **fantasias,** os **preconceitos**, os **medos** do desconhecido que **afetam o estado de espírito** das pessoas.

A história de vida de Watteau também é mérito da descrição e interpretação de Elias. O pintor era oriundo de família de artesãos com poucas oportunidades, embora tenha tido oportunidades e patronos no início da carreira, sofreu as consequências de sua origem proveniente das classes inferiores da sociedade de corte da época. O sofrimento por ter vindo de **classes inferiores**, o estado de espírito do pintor, o **contraste** da **alegria** ruidosa e da intensa **aflição**, se refletem na tela.

Elias relaciona esses elementos da pintura com a sua teoria sociológica dos processos figuracionais, e o quanto o quadro reflete as mudanças sociais da época, assim como a inserção da vida do próprio pintor nos detalhes pintados. Na tela há uma

jovem de costas para ilha do amor, o que é interpretado como "a representação mimética da hesitação da jovem – entre o flerte e o medo – em pleno jogo do amor." (idem, p. 27). A tela reflete o sonho que pode ser belo, mas uma realidade terrível.

Enfim, nessa análise da "Peregrinação de Watteau à Ilha do Amor", o autor nos dá indícios para a descrição de uma tela, a formação intelectual do descritor, a profundidade do conhecimento sobre o tema e a interpretação fundamentada numa teoria. Essa descrição reflete as categorias mencionada acima – **quem fala** [sociólogo e conhecedor da história da arte], o **lugar** de quem fala [como especialista do quadro e da vida do pintor para fazer uma declaração pública sobre a tela] e **para quem** fala [para um grupo de cientistas sociais e curador do museu] e **como** fala [descrevendo, interpretando o sentido da cena].

Textualização do discurso

O artigo da linguista Eni Orlandi sobre 'Coreografar: inscrever significativamente o corpo no espaço' traz elementos para se pensar no coreógrafo e nos dançarinos ligados por gestos, o que ela denomina de textualização do discurso. A autora diz que "não há sentido sem que a língua se inscreva na história, o que significa para mim, que não há sentido sem interpretação" (Orlandi, 2002, p. 90).

Na coreografia há a "grafia" e o "coreo", que vem de coro e significa não um sujeito isolado mas um grupo, em outras palavras a coreografia envolve uma "organização, construção imaginária de unidade e da ilusão de sujeito como dono de seus sentidos, inclusive os de seu corpo" (Orlandi, 2002, p. 94).

O audiodescritor, num evento de dança em cadeira de rodas, pode fundamentar a narrativa na textualização do discurso. Ele, o audiodescritor, narra a interligação do coreógrafo [sua vida, carreira], dos dançarinos [quem são], da cadeira de rodas como um novo elemento da dança, narra as categorias e ritmos para o público a quem se destina a audiodescrição.

No artigo sobre 'O discurso corporal atravessado pela dança em cadeira de rodas (Ferreira & Orlandi, 2001) as autoras enfatizam a dimensão dos sentidos do gesto do movimento constituído como linguagem. A dança se insere na historicidade, nos processos de mudanças sociais da estética, da ética, da beleza e da performance. A cadeira de rodas na dança é um novo elemento que precisa ser re-significado socialmente, antes tida como uma marca da deficiência, símbolo da exclusão. Entretanto a deficiência, em si não muda, mas o corpo, a dança, a cadeira de rodas passam a significarem de outras maneiras.

Na audiodescrição o objetivo é levar ao público o sentido de que dança em cadeira de rodas é uma nova linguagem e permite novas possibilidades para os deficientes se subjetivarem de uma outra maneira, romperem com estigmas, ressignificarem a história, se legitimarem e constituírem novas identidades de dançarinos (Ferreira & Orlandi, 2001, Ferreira, 2002, Ferreira & Rocha Ferreira, 2010). Nessa direção a audiodescrição tem um outro sentido, o da textualização do discurso; em que há um entrelaçamento dos sentidos inserido num corpo social entre o audiodescritor, o sujeito e a cena. E não se pode pensar um independente do outro e todos estão carregados de sentidos, inseridos numa historicidade política e ideológica.

A audiodescrição nas atividades de lazer e *mimesis*

O lazer tem sido estudado em diferentes linhas teóricas e no presente texto é fundamentado em Nobert Elias e Eric Dunnig (1992). Para os autores o lazer se insere nas atividades do tempo livre [desvinculadas do trabalho, sem obrigações e restrições de ganhar a vida] e de divertimentos. São atividades escolhidas pelas pessoas por serem agradáveis por si mesma, como exemplo, atividades esportivas, artísticas [teatro, concertos, cinema], de corrida de cavalo ou atletas, pescarias, danças, jogos entre outras. (Elias, 1992).

Elias enfatiza que atividades de lazer são formas de representação de um mundo de fantasia e desencadeiam prazer e excitação espontânea, desvinculada da vida estressante, com regras. E de acordo com o autor ....”com o auxílio deste tipo de excitação, a esfera mimética oferece uma vez mais a oportunidade, por assim dizer, de um novo ‘desanuviar’ no seio da sociedade que, pelo contrário, na vida social comum possui um conteúdo uniforme”. (Elias, 1992, p. 113).

O autor enfatiza que muitas das atividades de lazer não necessariamente se inserem na classe mimética, como exemplo o repouso, atividades sociais [visitar amigos, tricotar, ir a um bar, a um clube, ou restaurante] entre outras. Entretanto no presente texto será abordada o lazer nas atividades miméticas.

Dunning (1999, p. 27) enfatiza que os eventos miméticos não são imitações de ou que "refletem" a vida "real". Em contextos miméticos as emoções assumem uma "cor" diferente, ocorre um crescimento de um tipo específico de excitação, as pessoas experimentam em público a explosão de fortes emoções, sem pôr em risco a vida, as excitações de tipo sério. Em alguns casos as pessoas podem “representar medo e riso, ansiedade e amor, simpatia e antipatia, amizade e ódio e muitas outras emoções e sentimentos que também podem experimentar na sua vida de não lazer” (Elias & Dunning, 1992, p. 183, Dunning, 1999, p. 27).

O lazer como esfera da ação mimética traz emoção, excitação, uma liberação de comportamentos socialmente aceitáveis, que não perturbam nem põem a perigo a vida social, trata-se de um equilíbrio de tensões entre a busca da excitação e o controle das emoções.

Norbert Elias (1992, p. 79) estudando o lazer e o esporte diz - “o desporto, tal como outras atividades de lazer, no seu quadro específico pode evocar através dos seus desígnios, um tipo especial de tensão, um excitamento agradável e, assim, autorizar os sentimentos a fluírem mais livremente. Pode contribuir para perder, talvez para libertar, tensões provenientes do stress. O quadro do desporto, como o de muitas outras atividades de lazer, destina-se a movimentar, a estimular as emoções, a evocar tensões sob a forma de uma excitação controlada e bem equilibrada, sem riscos e tensões habitualmente relacionadas com o excitamento de outras situações da vida, uma excitação mimética que pode ser apreciada e que pode ter um efeito libertador, catártico, mesmo se a ressonância emocional ligada ao desígnio imaginário contiver, como habitualmente acontece, elementos de ansiedade, medo – ou desespero”. A audiodescrição pode adentrar na esfera mimética e levar o sujeito sentir, perceber outras dimensões humanas.

Um outro autor, o Hansen (1999) sugere duas formas de comentários esportivos, os chamados ‘play-by-play’ que narram o andamento do jogo e o comentário ‘colorido’, uma narrativa composta de informações básicas associadas à interpretação da ação. Os autores Udo & Fels num desfile de modas criaram uma descrição para

pessoas com deficiência visual conducente ao ‘laissez faire’ e à atitude lúdica própria de um desfile de modas. E sugerem que usar um estilo emocional de AD, no qual o audiodescritor possa apresentar comentários de excitação e interesse pessoal semelhantes aos usados em comentários esportivos, é viável e até mesmo desejável. Além disso, a descrição ao vivo deste estilo terá variações e erros, pois está sujeita à natureza orgânica dos eventos ao vivo. No entanto, o uso de um especialista no assunto, como o especialista e apaixonado em moda usado no estudo, poderá melhorar a qualidade e a quantidade da descrição ao vivo.

A audiodescrição e a divulgação para público menos especializado

A audiodescrição como uma linguagem se insere numa historicidade conforme tratado anteriormente e precisa ser entendida nessa perspectiva. A divulgação desse recurso da tecnologia assistiva para um público menos especializado pode ser realizada, por exemplo para cuidadoras que lidam diariamente com pessoas com deficiências, a família, os coleguinhas de escolas e os amigos. Esses podem se beneficiar desse recurso, não no sentido de banalizá-la, mas no sentido de que mais pessoas possam usufruir dos seus benefícios. No entanto precisamos ter cautelas para entender as limitações das pessoas no que tange a escolaridade, classe social e outras barreiras. Para ilustrar o quadro das amarras sociais, dos bloqueios pessoais que influenciam nessa relação e as dificuldades de estarem abertas às novas situações, são apresentadas duas vivências com cuidadoras de idosos.

As cuidadoras trabalham em duas casas, na cidade de São Paulo, com pessoas acima de 90 anos. Em cada casa tem 2 cuidadoras que se revezam e todas são sensibilizadas da importância de se descrever as cenas por onde as idosas passam, os alimentos, os pratos, os talheres e os copos no momento das refeições. Uma das senhoras sofre de mal de Alzheimer, é quase cega e está perdendo o contato com a realidade, o olfato e quase não relaciona mais as palavras com as coisas. Foi explicado para as duas cuidadoras sobre a importância de descreverem todos os dias os alimentos que a senhora come, a cor da toalha, pratos, copos etc. A princípio concordaram em fazer, no entanto, quando sozinhas com as senhoras idosas, não o faziam, há uma câmara na sala e pela qual são observadas.

As cuidadoras vêm de uma classe social inferior e resistem a qualquer mudança de atitude que não caiba no arcabouço de conhecimento delas. As resistências foram perceptíveis a cada encontro, tanto pelo jeito de relatar o momento da refeição como e pelas imagens filmadas nas câmeras da sala e cozinha.

Uma das cuidadoras vem de uma cidade pequena e traz alimentos do sítio e se gaba por fazer comida natural, sem conservantes, e sobre isto ela reforça para a senhora a procedência do alimento, até o chá é natural. Segundo ela a senhora com mal de Alzheimer parece entender e gostar, coincidentemente, no passado, a senhora teve muito contato com a zona rural, sítios e fazendas e realmente gostava da vida no campo, de uma comida natural, com produtos rurais.

Este comportamento a coloca numa situação de superioridade em relação a outra pois ela descreve os alimentos que traz do sítio, mas a tarefa da audiodescrição detalhada nunca foi levada a sério por ambas, embora digam que a fazem. Na outra residência ocorre situações semelhantes, embora a senhora idosa não sofra de mal de Alzheimer e não seja cega.

Esses exemplos fornecem indícios da resistência das cuidadoras em aprender algo novo, a pessoa traz elementos culturais do local de onde vem [classe social, relações familiares etc], experiências de vida. Pode-se se observar até rivalidades entre elas, cada uma se colocou numa posição se vangloriando das qualidades, mas apresentaram dificuldades em se transformar, mudar algo que está enraizado no seu *habitus* social.

O 'fogão', o jeito de tratar os alimentos, de servir e comer se insere numa figuração social, numa rede de interdependência. Essas redes representam a família de origem, a escolarização, as dificuldades de cada pessoa, a classe social etc. e as relações de poder que estão inseridas nessas figurações. As resistências das pessoas às mudanças são inúmeras nos níveis psicossociais e difíceis de serem superadas, mas possíveis a longo prazo. (Elias, 1978).

Nesse sentido, um trabalho com as cuidadoras de níveis socioeconômico diferentes precisa ser levado em consideração vários aspectos, especialmente de como flexibilizar os comportamentos rígidos para mudanças de comportamentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A audiodescrição, tecnologia assistiva e de acessibilidade que visa 'transformar' a informação visual em verbal, para gerarem novos sentidos e subjetivações entre todos os envolvidos, necessita ser compreendida numa dimensão histórica, inserida em redes de interdependência, figurações sociais onde o audiodescritor, a cena [personagens, protagonistas] e o sujeito construam uma realidade com sentido. E as categorias 'quem fala, o lugar de quem fala, para quem se fala e como se fala' são fundamentais a serem observadas nessa dimensão.

No lazer ou em outras cenas, o audiodescritor pode levar o sujeito [usuário] a um aumento de tensão, emoções que não se tem na vida cotidiana. A esfera mimética pode oferecer outras oportunidades para que a pessoa possa se transformar, e se colocar em outras dimensões, desanuviar dos problemas, que pelo contrário, na vida social comum possui um conteúdo uniforme. Na dança em cadeira de rodas pode trazer um novo sentido da linguagem, o da textualização do discurso, em que há um entrelaçamento dos sentidos inserido num corpo social entre o audiodescritor, o sujeito e a cena.

A divulgação da AD beneficia a formação de pessoas especializadas no tema – os audiodescritores, mas também pode estar disponível à sociedade mais ampla, como os cuidadores de idosos, pessoas com deficiências, família, colegas nas escolas, etc. entretanto para tal é importante a criação de materiais e suporte acessíveis a todos e que se leve em consideração as diferenças e resistências socioculturais.

REFERÊNCIAS

DUNNING, Eric. Sport matters. *Sociological studies of sport, violence and civilization*. Routledge, 1999.

Elias, Norbert. *O processo civilizador*. Uma história dos costumes. vol. 1. Jorge Zahar Editor. 1978.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Ed. Jorge Zahar Editor, 1994.

ELIAS, Norbert. *A peregrinação de Watteau à ilha do amor*. Jorge Zahar Editor, 2005.

ELIAS, Norbert, DUNNING, Norbert. *A busca da excitação*. Difel, Lisboa, 1992.

FERREIRA, Eliana Lucia. A possibilidade na (im)possibilidade de movimentos atravessado pela dança. In: *Interfaces da dança para pessoas com deficiência*. Campinas, SP: Gráfica R. Vieira, 2002, p. 105-110.

FERREIRA, Eliana Lucia & ORLANDI, Eni. O discurso corporal atravessado pela dança em cadeira de rodas. In: *Cidade atravessada*: os sentidos públicos no espaço urbano. Eni P. Orlandi (org). Campinas, SP: Pontes, 2001, p. 89-94.

FERREIRA, Eliana Lucia & ROCHA FERREIRA, Maria Beatriz. A busca da identidade das pessoas com deficiência através da dança esportiva em cadeira de rodas. *Anais do XIII Simpósio Processos Civilizadores,* Bogotá, Colombia, 2010.

FRANCO, Eliane Paes Cardoso. SILVA, Manoela Cristina Correia Carvalho da. Audiodescrição: Breve Passeio Histórico. In: MOTTA, Lívia Maria Villela de Mello. FILHO, Paulo Romeu. *Audiodescriç***ão**: Transformando Imagens em Palavras. Secretaria de Estado dos Direitos da Pessoa com deficiência. Governo do Estado de São Paulo: 2010.

HANSEN, Alan D. (1999) Narrating the Game: Achieving and Coordinating Partisanship in Real Time. *Research on Language and Interaction* 32 (3): 269-302.

MOTTA, Lívia Maria Villela. A audiodescrição vai à opera. In: Motta, L.M.V & Romeu Filho, P. (org.). *Audiodescrição.* Transformando imagens em palavras. Secretaria de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência, 2010, p. 57-72.

ORLANDI, Eni. Coreografar: inscrever significativamente o corpo no espaço. In: *Interfaces da dança para pessoas com deficiência*. Gráfica R. Vieira, 2002, p. 89-95.

ROCHA FERREIRA, Maria Beatriz. Reflexões sobre a dança em cadeira de rodas. In: *Interfaces da Dança para pessoas com deficiência.* Gráfica R. Vieira, 2002, p. 75-88.

Udo, John Patrick and Fels, Deborah I., Re-fashioning fashion: an exploratory study of a live audio described fashion show. *Ted Rogers School of Information Technology Management Publications and Research*. Paper 17, 2009.

Recebido em: 24/10/2019
Aprovado em: 21/12/2019